



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO
EM LÍNGUA PORTUGUESA

ADRIANE MARTINS

**A PERSPECTIVA SEMIÓTICA NO GÊNERO CHARGE SOBRE AS AULAS
REMOTAS NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

ABAETETUBA
2021

ADRIANE MARTINS

**A PERSPECTIVA SEMIÓTICA NO GÊNERO CHARGE SOBRE AS AULAS
REMOTAS NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Professor Me. José Eduardo Pastana Silva.

**ABAETETUBA
2021**

ADRIANE MARTINS

Banca Examinadora

Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva
Orientador — UFPA

Prof. Dr. Robson Borges Rua
Examinador — UFPA

Apresentado em: ___/___/___

Conceito: _____

A PERSPECTIVA SEMIÓTICA NO GÊNERO CHARGES SOBRE AS AULAS REMOTAS NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Adriane Martins¹

José Eduardo Pastana Silva²

Resumo: O presente trabalho versa sobre a Teoria semiótica Peirciana no Gênero Charge que trata dos signos e suas relações de significação. A pesquisa tem como objetivo principal aplicar as categorias da segunda tricotomia do signo, isto é, o signo em relação ao seu objeto. Tem-se como suporte de análise e aplicação das teorias de Peirce (2005), Santaella (2001, 2018), Marcuschi (2008), Possenti (2010) e Gregolim (2007). Foram selecionadas e analisadas duas charges voltadas para a temática do ensino remoto durante o período da pandemia da covid-19 no Brasil.

Palavras-chave: semiótica; significação; gênero e charge.

Abstract: This work is about the Peirce semiotics theory applied on the charge genre and it deals the signs and their signification relations. The research has the main goal of apply the second tricotomy of the sign, that is, the sign and its relation with the object. This paper is based on the Peirce (2005), Santaella (2001, 2018), Marcuschi (2008), Possenti (2010) e Gregolim (2007) theories. It was selected two charges about the remote teaching during the pandemical period of the covid-19 in Brazil.

Keywords: semiotics; meaning; genre and charge.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelos estudos semióticos surgiu pela capacidade dessa ciência analisar tudo à nossa volta, inclusive a charge, objeto de estudo deste trabalho. O motivo da aplicação da semiótica no gênero charge veio da necessidade de uma leitura mais precisa sobre tal gênero textual, que circula em todas as camadas sociais por meio de jornais, revistas e livros didáticos, tornando relevante a investigação sobre como obter as informações implícitas em seu conteúdo, sempre caracterizado por uma crítica bem-humorada sobre um determinado tema cotidiano.

¹ Graduanda regularmente matriculada no curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará-Campus Universitário de Abaetetuba.

² Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Professor da Universidade Federal do Pará-Campus Universitário de Abaetetuba.

Assim, esta pesquisa consiste na análise de duas charges retiradas de *sites* da *internet* que abordam a situação das aulas remotas durante o período de pandemia da covid-19 no Brasil. Como base para a análise é utilizada a teoria semiótica de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) um americano que desenvolveu os estudos do signo baseado em três tricotomias, sendo a segunda abordada neste artigo, isto é, o signo em relação ao seu objeto, considerando as categorias do aspecto icônico, indicial e simbólico.

Diante do propósito da semiótica na investigação de todas as formas de linguagem, sendo verbal ou não verbal, é levantada a seguinte questão: o gênero charge apresenta em sua composição conteúdo crítico e humorístico que para sua compreensão dependem de recursos semióticos?

2 A LINGUAGEM NÃO VERBAL

A evolução da escrita trouxe consigo certa soberania sobre outras formas de comunicação, seja pelas normas gramaticais, que de tão complexas passaram a ganhar mais atenção como forma de aprendizado ou pela sua evolução natural. Nesse contexto, a imagem ficou em segundo plano, visto o lugar privilegiado da escrita tida como principal fonte de informação. Dessa forma, a imagem mesmo carregada de elementos significativos para a compreensão, era vista apenas como um enfeite nos livros. Santaella (2001, p. 47) diz que: “o modelo teórico privilegiado e nuclear é aquele das línguas naturais, quer dizer, o da linguagem verbal”. Isso demonstra haver uma posição privilegiada da linguagem verbal sobre a linguagem não verbal.

No decorrer dos anos, os estudos acerca da imagem foram ganhando mais importância, por ela ser capaz de gerar significação por si só ou servindo de complemento a outro texto. Foucault (1988, p. 25) aborda a imagem como texto: “[...] as palavras conservaram sua derivação do desenho e seu estado de coisa desenhada [...] Texto em imagem”.

Após muitos estudos, o olhar sobre a imagem foi ganhando seu lugar na área de interpretação e compreensão textual. Nesse ínterim, a semiótica como “ciência de toda e qualquer linguagem” (SANTAELLA, 2001, p. 7) contribui para o entendimento e significação desta linguagem.

3 A SEMIÓTICA

A semiótica cujo nome vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo, é a teoria científica capaz de analisar toda e qualquer linguagem, desde um simples gesto a uma imagem, assim o estudo da semiótica consiste na investigação de todos os signos, nas palavras de Peirce (2005, p. 47) “[...] para que algo possa ser um Signo, esse algo deve “representar”, como costumamos dizer, alguma outra coisa [...]”. Tal representação está relacionada a um interpretante, que lhe atribui um significado de acordo com sua visão de mundo, assim sendo, tudo pode ser signo, seja material ou não, basta existir a partir de um pensamento.

Entre os estudiosos que iniciaram a investigação da ciência que conhecemos hoje como Semiótica, Saussure foi um dos que, ao longo de sua trajetória, teorizou ideias – reconhecidas após muitos anos – que tiveram grande contribuição aos estudos do signo sob o nome de semiologia.

Para Saussure, a Semiologia teria por objeto o estudo de todos os sistemas de signos na vida social. Nessa medida, a Linguística, ou seja, a ciência que ele tinha por propósito desenvolver, seria uma parte da Semiologia que, por sua vez, seria uma parte da Psicologia Social. (SANTAELLA, 2001 p. 49).

Dessa forma, a semiótica é uma ciência ampla que estende sua investigação a todas as formas de linguagem, o cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce foi o responsável por nomear a semiótica e dispô-la dentro do estudo da lógica. Além disso, ele foi considerado um gênio por seu conhecimento em diversos ramos da ciência, tornou-se pioneiro nos estudos semióticos.

Santaella (2018, p. 2) diz: “a semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente”. Em outras palavras, o olhar sobre os fenômenos que nos rodeiam é o que chamamos de fenomenologia, uma quase ciência atrelada à semiótica, incumbida de explicar a maneira como podemos apreender tudo que aparece em nossa mente enquanto fenômeno, seja o vento, a chuva, o trovão, entre outros. Por isso, a autora explica: “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA 2001, p. 9).

3.1 O Signo

Na obra de Peirce (2005), é possível encontrar variados conceitos acerca de signo, com a diferença de que alguns apresentam mais detalhes que outros descritos de forma sucinta e objetiva. Dentre esses, escolheu-se um que obedece aos propósitos deste trabalho:

Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. (PEIRCE, 2005, p. 46).

Santaella (2001) esclarece o conceito de Peirce sobre signo, o qual é tido como uma representação e não pode ocupar o lugar do objeto em si, mas apenas representá-lo na mente de alguém, um interpretante que é outro signo. Nesses termos, a autora diz:

[...] o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 2001, p. 35).

Assim sendo, é signo uma fotografia ou qualquer outra coisa que possa representar um objeto, o qual pode ser uma árvore, uma casa, uma pessoa ou qualquer outra coisa, por exemplo. Ademais, é necessário que se entenda que o signo possui uma relação triádica, na qual ele se relaciona com o significante e o interpretante, em que o signo criado na mente de alguém gera um significado que é outro signo:

[...] o significado de um signo é outro signo — seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva... uma ideia, ou seja, lá o que for — porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo [...]”. (SANTAELLA, 2001, p. 36).

Nesse sentido, o signo é dividido em três tricotomias denominadas a tríade do signo, cada uma delas obedece a uma hierarquia que delinea a divisão do signo estabelecidas por Peirce.

3.2 A Tricotomia do Signo

O signo é organizado em uma espécie de tríade em que cada conjunto de signos equivale a uma das três categorias do signo. Peirce (2005, p. 51) diz: “Os signos são divisíveis conforme três tricotomias, a primeira, conforme o signo em si mesmo [...] a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto [...] a terceira, conforme seu representante representá-lo”.

O quadro 01 a seguir apresenta as três tricotomias:

Quadro 01 – Divisão dos signos de Peirce

DIVISÃO DOS SIGNOS			
Categoria	O signo em relação a si mesmo	O signo em relação ao objeto	O signo em relação ao interpretante
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinsigno	Índice	Dicissigno
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

Fonte: adaptado de Coelho Netto (1980, p. 62)

Peirce dividiu os signos em três categorias: Primeiridade, Secundidade, Terceiridade, formando as chamadas tricotomias do signo, pois as classifica de acordo com três divisões. A Primeiridade, Santaella (2001, p. 27) diz que “Trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) in totum, indivisível, não analisável, inocente e frágil”, visto que “Consciência em primeiridade é qualidade de sentimento e, por isso mesmo, é primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem”. (SANTAELLA, 2001, p.30). Assim, o primeiro olhar deve ser contemplativo, sem se fazer qualquer relação com outra coisa, é apenas sugestivo, sem afirmações ou comparações, é olhar e observar o objeto em seu caráter visual, levando em consideração as cores, as formas, textura.

Já a Secundidade é a ação e reação, momento em que após ter observado tem-se uma consequência gerada pelo que se vê, sem intencionalidade, ou seja, após ter observado o fenômeno, é gerado na mente do interpretante uma referência que faz com que seja real sua existência. Nas palavras de Santaella: “Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter

factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.” (SANTAELLA, 2001, p. 31).

Por fim, a Terceiridade é o resultado do primeiro olhar com o segundo, que corresponde à capacidade de representar e interpretar o mundo de forma subjetiva, ou seja, é uma forma pessoal, particular de significar as coisas ao nosso redor. Santaella explica:

Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu —, é um terceiro (SANTAELLA, 2001, p. 31).

Neste trabalho, será abordada a segunda tricotomia desenvolvida por Peirce, na qual o signo está para o objeto, considerando três aspectos: icônico, indicial e simbólico, definidas conforme Peirce (2005). Um ícone (quali-signo) é um signo que se refere ao objeto apenas em razão de suas próprias características, quer seja ele existente ou não. Um exemplo de ícone são as fotografias que são idênticas ao ser ou coisa que representam.

Por conseguinte, Peirce trata do ícone:

Um ícone é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer tal objeto realmente exista ou não. [...] se um girassol, ao virar-se na direção do sol, torna-se por esse mesmo ato inteiramente capaz, sem nenhuma condição de reproduzir um girassol que de um modo exatamente correspondente se volte na direção do sol, realizando isto com o mesmo poder reprodutor o girassol se transformaria num representâmen do sol (PEIRCE, 2005, p.52-64).

Enquanto o índice (sin-signo) é um signo que representa o objeto no sentido de ser afetado por ele. É um existente, pois está incorporado em algo, portanto ele indica essa coisa a qual ele faz parte, qualquer existente pode funcionar como signo. Nos termos de Peirce:

Um índice é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto. Portanto, não pode ser um Qualissigno, uma vez que as qualidades são o que são independentemente de qualquer outra coisa. Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma Qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao objeto. (PEIRCE, 2005, p. 52).

Já o símbolo (legi-signo) é o signo que se refere ao objeto em virtude de uma lei, gerada por uma associação de ideias gerais, o que faz com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. O efeito do signo em uma mente é o que chamamos de interpretante. Complementando:

Um símbolo é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto. (PEIRCE, 2005, p. 52)

Assim, é possível entender que a tricotomia do signo, é dividida em categorias, dentre as quais temos, a secundidade, o signo em relação ao objeto, o que compreende aos aspectos Icônico, Indicial e Simbólico, os quais serão abordados neste trabalho.

4 O GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Os gêneros textuais manifestam-se de acordo com suas características, as quais são determinadas por seu uso no cotidiano, tal uso refere-se aos textos usados em situações comunicativas diárias, denominadas de os gêneros textuais. Referente a isso, Marcuschi explica:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Dentre os gêneros textuais, a charge chama a atenção por sua capacidade de envolver-se em temas polêmicos e de relevância social, possuindo em sua composição marcas de humor e um forte teor crítico que se estende a um determinado assunto como ratifica Costa (2009):

Palavra de origem francesa que significa carga, ou seja, algo que exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco ou ridículo. Por extensão, trata-se de uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa, que tem por finalidade satirizar e criticar algum acontecimento do momento. Focaliza, por meio de caricatura gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema. (COSTA, 2009, p. 59).

Assim, a charge é o gênero textual que se destaca por sua criatividade, por transmitir sempre uma reflexão sobre seu conteúdo, em que insere temas do dia a dia em textos verbais ou não verbais, reproduzindo uma situação do cotidiano por meio de uma imagem.

Os gêneros textuais estão presente em nossa vida diária, seja redigindo um e-mail, fazendo um telefonema ou escrevendo um bilhete. Dessa forma, atendem a propósitos diferentes. Em se tratando do gênero charge, podemos encontrá-la principalmente em jornais e revistas impressas ou digitais. Sua presença é importante para a ilustração, dado que possui um teor crítico ideológico, objetiva sempre defender uma opinião, um determinado

posicionamento, construindo uma situação em forma de imagem para se expressar, mas de forma humorada, às vezes fazendo uso de figuras caricaturescas.

O gênero textual charge, em sua composição, tem como principais características o exagero, contido nas caricaturas pelo propósito de gerar humor. Possenti (2010) trata da questão da abordagem dos acontecimentos através do humor e faz a seguinte afirmação quanto ao gênero textual charge:

As charges, por exemplo, são tipicamente relativas a fatos do dia a dia. Apenas eventualmente e raramente, têm como pano de fundo acontecimentos menos instantâneos, como uma campanha eleitoral. Textos (piadas ou charges) ditos de humor negro são produzidos em grande quantidade após acontecimentos breves, além de tipicamente classificais no rol das desgraças. (POSSENTI 2010, p. 27-28).

Gregolim (2007), complementa a questão do humor quando afirma que:

Imerso nessas mensagens (e a mídia é delas uma fonte inesgotável) que repetem certas ideias, o leitor é instado a concordar com aquilo que é dito e a acatar o aparente consenso instaurado pelo riso. Essa é uma das funções do humor, pois o riso entorpece. (GREGOLIM, 2007, p. 23).

Diante das afirmações sobre o sentido do humor nas charges, é possível chegar ao consenso de que ele não é apenas uma questão de entretenimento, mas principalmente uma maneira de transmitir uma informação polêmica de forma leve, fazendo uma crítica ideológica a determinado acontecimento da atualidade.

5 AS AULAS REMOTAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA (COVID 19)

O termo “aulas remotas” ficou conhecido após a onda de contágio em todo o mundo por um vírus conhecido como coronavírus, chamado cientificamente de (SARS-CoV-2). Tal problema trouxe como consequência o fechamento de setores comerciais e serviços, incluindo as escolas. Por isso, as escolas começaram a pensar em estratégias de como retomar as aulas sem comprometer a saúde de todos. A principal escolha foi a de fazer da *internet* uma ferramenta de ensino, foi quando surgiram as plataformas de ensino remoto (*online*), desde então os alunos passaram a utilizar computadores, *tablets* ou celulares para acompanhar as aulas a distância, uma realidade a qual todos tiveram que se habituar.

Com a mudança no novo método de ensino, vieram as dificuldades. Por exemplo, nem todos estavam preparados para acompanhar as aulas que necessitavam de acesso à *internet*, isso fez com que aparecessem as diferenças no acompanhamento do ensino remoto entre os alunos

mais favorecidos e os de baixa renda, pois nem todos tinham acesso à tecnologia, o que descortinava essa desigualdade.

Especificamente sobre os alunos do 3º ano do ensino médio, discutia-se sobre o cancelamento do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que ocorre todos os anos e é a principal porta de entrada nas universidades em todo o país. No ano de 2020, em todo país, 5,8 milhões de estudantes se inscreveram para realizar o Enem. Conforme o Inep (Instituto Nacional de Pesquisa), no entanto, muitos deixaram de comparecer no local da prova, levando à decisão de reabrir as inscrições para estes alunos no ano de 2021.

Vejamos a notícia sobre esse fato no *site* EL PAÍS:

A reabertura do prazo de inscrição do Enem 2021 exclusivamente para os isentos ausentes, veio após uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou a reabertura do período de isenção para os isentos faltosos das provas de 2020 e que não puderam justificar a ausência, considerando o contexto da pandemia da covid-19. A medida foi publicada no Diário Oficial da União. (BETIM, 2021).

Diante de tais fatos, é possível chegar à compressão de que muitos alunos se sentiram desmotivados a realizar a prova no ano de 2020, visto que sem as aulas presenciais nem todos tiveram acesso aos conteúdos de estudo, além dos fatores das condições de ensino, ainda havia o atual cenário de pandemia, onde muitos preocupavam-se com o contágio pelo novo vírus.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

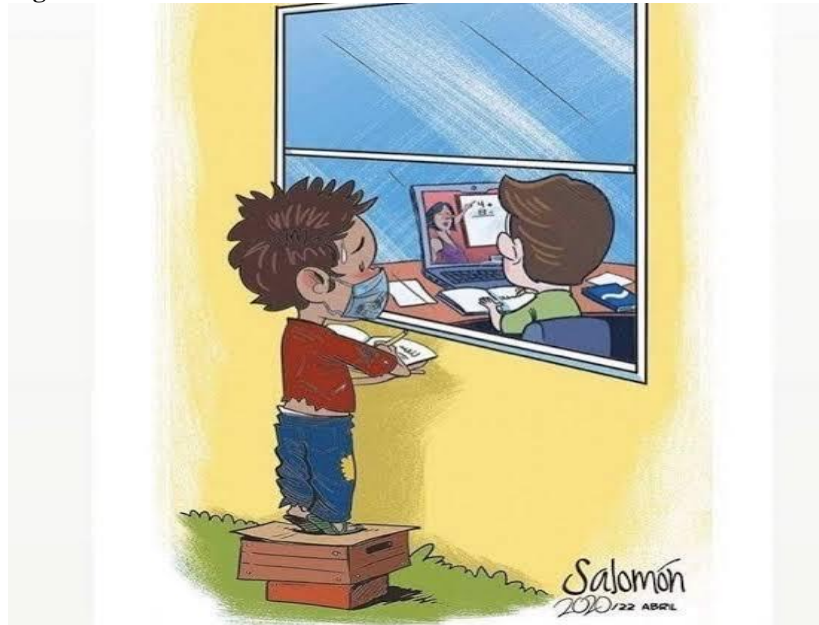
Neste trabalho foi conduzida uma pesquisa de cunho descritivo com o propósito de aplicar a Semiótica Peirciana no gênero charge a partir de um levantamento bibliográfico composto por autores que tratam da semiótica e gênero textual. Assim, o artigo está embasado nas teorias de Peirce (2005), Santaella (2018) que tratam de Semiótica, Marcuschi (2008), que aborda o Gênero Textual, Possenti (2010) e Gregolim (2007) que versam sobre o discurso e humor. Destaca-se também que o *corpus* do trabalho é composto por duas charges coletadas na *internet* considerando a temática do ensino remoto durante a pandemia da covid-19 no Brasil.

Partindo das teorias abordadas pelos autores de semiótica e gênero textual, a pesquisa analisou como se aplicar a semiótica peirciana no gênero charge. Para isso, verificou-se os aspectos icônico, indicial e simbólico apresentados nas imagens.

7 ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CHARGES

7.1 Charge 01: reflexões acerca do ensino remoto no Brasil

Figura 01 – Reflexões acerca do ensino remoto no Brasil



Fonte: Charge de Solomon em Cficuador³

a) As condições de produção da charge

A charge 1 é de 22 de abril de 2020, foi publicada no período da pandemia da covid-19. Essa imagem faz alusão às aulas remotas que estão substituindo temporariamente o ensino presencial. Nela, pode-se observar que o chargista aponta a desigualdade de acesso à tecnologia por conta da situação social dos alunos, o que possivelmente está gerando desigualdade na aprendizagem.

b) Análise icônica

A imagem sugere duas crianças de idades próximas, uma dentro de uma casa e outra do lado de fora, ambas estão atentas a tela de um *notebook*. A criança do lado de fora apresenta tensão e desconforto ao ter que subir em um caixote e em um livro para conseguir alcançar a janela e assim ter uma boa visão do que se passa na tela do *notebook*; ela também veste uma blusa rasgada na cor vermelha, uma calça com remendo na cor azul e uma sandália, seu cabelo está despenteado, em suas mãos estão um caderno e um lápis, os quais estão sendo usados para anotar as informações que uma mulher repassa através do conteúdo do *notebook*, onde uma professora aponta para o que a imagem sugere ser um quadro com alguns números escritos.

³ Disponível em: <https://cfiecuador.org/index.php/cafe-educativo/69-beatriz-garcia> Acesso em: 24 set. 2021.

O menino do lado de dentro da casa olha com muita atenção para a tela do computador, ele está sentado em uma cadeira na cor azul, sugerindo ser confortável; ao seu lado direito há um livro azul e uma folha de papel em branco, em seu lado esquerdo há outra folha de papel em branco. O garoto veste uma camisa verde em bom estado e seu cabelo encontra-se penteado. A imagem sugere a luz do dia pelas cores claras, tons claros como o azul celeste mesclado com o branco na janela refletem a luz do sol, a parede de cor amarela e a grama verde reforçam a sugestão de um dia ensolarado.

c) Análise indicial

Considerando o aspecto qualitativo indicial, percebe-se que as crianças fazem referência a dois alunos, pois possuem lápis e caderno. O garoto do lado de fora da casa remete aos alunos desprovidos de renda e tecnologia, representado por suas vestes rasgadas. O uso de máscara indica o período pandêmico, o qual por medidas de prevenção à covid 19 tornou-se obrigatório em locais públicos e privados.

A imagem no computador remete a alguém que pelo uso do quadro em conjunto com os materiais escolares caderno, livro e lápis, comprova ser uma professora de matemática, representando o ensino remoto com aulas *online*.

O menino do lado de dentro da casa indica os alunos com poder aquisitivo maior, pois dispõe de recurso tecnológico e ambiente confortável para a aprendizagem, ratificando assim as diferenças sociais entre os discentes.

d) Análise simbólica

Analisando o aspecto simbólico da charge em questão, tem-se como crítica central a desigualdade social mostrada a partir de uma situação causada pela pandemia do Coronavírus, em que as escolas fecharam como prevenção da transmissão do novo vírus. Desde então, as aulas passaram a ser transmitidas virtualmente, constituindo o ensino remoto. Esta incapacidade de acesso ao ensino remoto é demonstrada na charge quando o menino com lápis e papel na mão do lado de fora da casa tenta anotar com muita dificuldade o que observa na tela do computador pela vidraça, o que ressalta a dificuldade de acesso à tecnologia gerada pela desigualdade social.

O governo e as escolas vêm pensando em formas de disponibilizar o conteúdo das aulas, para que todos possam ter acesso ao ensino remoto. Uma das formas já aplicadas pelas escolas

públicas como alternativa para que todos alunos tenham acesso ao ensino foi a disponibilização do conteúdo dos componentes curriculares de duas maneiras: impresso, entregue nas escolas para os responsáveis repassarem aos alunos, em especial aqueles que não dispõem de recursos financeiros para o acesso à tecnologia, e a utilização do aplicativo *WhatsApp* como ferramenta para as escolas que não possuem acesso a uma plataforma para o ensino híbrido. Atendendo assim, alunos que dispõem de recurso tecnológicos, como *tablets*, celulares, *notebooks* e *internet* em casa.

Na charge, é percebido que o acesso ao conteúdo das aulas *online* é mais fácil a quem possui recursos financeiros, especialmente por depender do uso de aparatos tecnológicos que devem ser custeados pelos pais ou responsáveis. Por ser de inteira responsabilidade do aluno o acesso a esses materiais, o discente que não dispõe de recursos financeiros torna-se mais vulnerável a abandonar a escola.

Visto que os governos municipais e estaduais são responsáveis por fornecer os subsídios necessários ao bom funcionamento das escolas, diante de uma situação de adaptação a um novo modelo de ensino, adotado mesmo que temporariamente, a charge deixa uma mensagem de reflexão sobre os impactos de tal mudança repentina no modelo de ensino sobre os alunos menos favorecidos, desprovidos de recursos financeiros.

7.2 Charge 02: Enem 2020

Figura 02 – Enem 2020



Fonte: Lézio Júnior em Diário da Região⁴

⁴ Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cultura/charge-de-cartunista-rio-pretense-viraliza-nas-redes-sociais-1.74511> Acesso em: 24 set. 2021

a) As condições de produção da charge

Assim como na primeira charge, a segunda também apresenta uma situação envolvendo a escola, com a diferença de que se trata de alunos do 3º ano do ensino médio, os quais possuem como meta não apenas a conclusão do ensino médio, mas também a aprovação no Enem. É percebido na imagem, entre outras coisas, especialmente a desigualdade na qualidade de ensino: de um lado a vantagem de quem possui recursos financeiros e do outro a desvantagem de quem não possui, o que nos leva a refletir sobre a desigualdade social, um problema grave ainda existente no Brasil, delimitando as oportunidades aos mais favorecidos e excluindo os demais.

b) Análise icônica

Tratando-se do ponto de vista icônico, a charge possui em seu centro superior o enunciado “ENEM 2020” (com letras maiúsculas), embaixo a charge sugere duas realidades paralelas, de um lado um jovem motivado, sorrindo para o papel em que escreve, enquanto olha para um *tablete*; ele veste uma camisa azul-marinho e um short azul-escuro, está também calçando um tênis em bom estado na cor azul-claro. Na frente dele uma janela está aberta com vista para uma universidade e outros prédios, ao seu lado na parede uma televisão transmite um telejornal, o ambiente em que ele está sugere conforto e é apropriado para os estudos, pois ele está sentado em uma cadeira ergonômica apropriada para passar longos períodos de estudo ou trabalho sem causar danos ao corpo. As paredes são pintadas de branco, há uma luminária no canto direito da mesa e um *notebook*, em que na tela está escrito “aula *online*”

Do lado direito da charge, há um jovem cabisbaixo com um olhar tristonho, sentado em uma cadeira de madeira sem encosto, escrevendo em uma folha de papel. A mesa em que ele está é feita de madeira, nela há um livro aberto para onde o jovem direciona o olhar; ele está vestindo uma camisa branca sombreada, um short azul-claro e está descalço. Na direita dele, há uma garrafa de café na cor vermelha e uma xícara na cor cinza, no lado esquerdo da mesa há uma frigideira cinza. O quarto é iluminado por uma lâmpada incandescente de luz amarela, a parede é de tijolo aparente, sem revestimento de argamassa ou cimento, no canto esquerdo da parede tem um furo tapado com pedaços de madeira, a única janela do quarto é feita de madeira com uma pintura azul e está fechada.

c) Análise indicial

Do ponto de vista qualitativo indicial a imagem possui dois lados: no primeiro, o menino remete aos alunos providos de recursos financeiros, pois o ambiente de estudo é confortável e adequado para a aprendizagem, isto é demonstrado pelos recursos tecnológicos. No centro superior da imagem contém o enunciado “ENEM 2020”, o que remete à sigla (Exame Nacional do Ensino Médio), ressaltando que se tratam de estudantes do 3º ano do ensino médio, a universidade que aparece do lado de fora da casa, do lado esquerdo da imagem, indica que ambos estão se preparando para disputar uma vaga em uma universidade.

No lado esquerdo da imagem, o menino remete aos discentes em situação de vulnerabilidade econômica, pois o ambiente de estudo não parece adequado para uma aprendizagem efetiva. As janelas fechadas indicam que por conta de uma aprendizagem inadequada o acesso à universidade torna-se mais difícil.

d) Análise simbólica

A análise simbólica remete a uma crítica sobre a decisão do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) em aplicar o Enem apesar da desigualdade entre os alunos de escolas públicas que tiveram as aulas suspensas e estudaram em casa por conta própria, enquanto os alunos oriundos de escolas particulares puderam participar das aulas remotas (aulas realizadas por meio de recursos tecnológicos). Tal desigualdade entre alunos diminuiu ainda mais o desempenho no exame, fechando as portas do ensino superior para a grande parte dos alunos de escola pública.

A crítica central recai sobre a desigualdade social, mais especialmente em relação à aplicação do exame mesmo em um período onde as escolas suspenderam as aulas presenciais para ajudar a conter o contágio da covid-19 até então sem controle. Porém, apesar de as aulas terem sido suspensas nas escolas, o ensino híbrido (método de ensino *online*) deu seguimento aos conteúdos, que passaram a ser ministrados pelos professores em aulas virtuais, em que poucos alunos tiveram acesso.

Diante desta realidade, a mensagem trazida pela charge também pode ser traduzida como um apelo aos órgãos responsáveis para tomar as providências necessárias quanto ao ensino híbrido, frente à situação de falta dos recursos tecnológicos necessários ao acompanhamento das aulas *online*. Reforçando a ideia de que poucas ou nulas são as chances de um aluno sem o aparato tecnológico chegar a uma universidade, a janela só está aberta para

o aluno equipado com *tablet*, computador e *internet*, gerando uma desigualdade de acesso ao ensino superior.

A charge evidencia o que pode ser considerado um despreparo no atendimento de alunos menos favorecidos, sem condições de acompanhar as aulas, claramente causada pelas diferenças sociais no Brasil, de um lado a visão de um aluno cercado por privilégios e conforto que colaboram para o seu aprendizado, do outro a visão que temos é de um aluno desprovido do básico: um ambiente adequado aos estudos, o que está longe de ser a mesa da cozinha. Assim, somos levados a refletir sobre o mundo em que vivemos, onde impera a desigualdade social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de análise das charges teve o seguinte objetivo: buscar no gênero charge conteúdos semióticos que auxiliem em sua compreensão e interpretação, provando a relação entre a semiótica e o gênero em análise, tanto após sua composição por parte de quem lê, quanto no momento de sua produção.

A semiótica contribuiu para a compreensão das charges, demonstrando que a charge é um objeto de análise que pode ser muito bem explorado por professores. Nesse sentido, o olhar semiótico empregado para explorar o que estava subentendido nas imagens foi imprescindível, pois a análise dos signos contribuiu significativamente para a interpretação das charges, assim como para a compreensão de seu conteúdo dialógico entre autor e leitor, implícito nas charges, provando que realmente o conteúdo das charges possui um caráter semiótico.

Os estudos semióticos ainda estão sendo explorados com ênfase em suas contribuições para a leitura das imagens como é o caso das charges. Afinal, trata-se de uma ciência capaz de ser aplicada a qualquer área do conhecimento. Além disso, em razão de sua recente descoberta como ciência e por sua complexidade, ela necessita de maior tempo e dedicação para sua exploração e domínio.

Este trabalho evidencia a importância da Semiótica como mais uma ferramenta para auxiliar professores e pesquisadores no que tange o processo de significação e interpretação de sentido de imagens. Nesse contexto, cabe ressaltar que o ENEM, nas suas questões de linguagens, códigos e suas tecnologias, traz imagens a serem compreendidas e a semiótica pode ajudar nesse processo.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Enem terá regras para evitar contágio pelo novo coronavírus.** 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educação/noticia/2021-01/enem-tera-regras-para-acessado-em-ago.2021> Acesso em: 29 set. 2021.
- BRASIL DE FATO. **Enem: reaberta inscrições para isentos ausentes em 2020.** 2021. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2021/09/16/enem-reaberta-inscricoes-para-isentos-ausentes-em-2020#:~:text=A%20reabertura%20do%20prazo%20de,o%20contexto%20da%20pandemia%20da> Acesso em: 30 set. 2021 às 02:16.
- CORONAVÍRUS. Secretaria de estado de saúde de Minas Gerais. Blog Coronavírus: **você sabe como surgiu o coronavírus SARS-COV-2?** 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus#:~:text=O%20novo%20coronavirus%20é%20chamado%20cientificamente%20de%20SARS-CoV-2> Acesso em: 13 de out. 2021 às 10:10.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1980.
- COSTA, Sérgio Roberto, **Dicionário de gêneros textuais.** 2 Ed. rev. ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- EL PAÍS. **Piora na pandemia motiva pedidos para adiar o Enem, mas educadores que medidas são insuficientes.** 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-14/piora-na-pandemia-motiva-pedidos-para-adiar-o-enem-mas-educadores-apontam-que-medidas-e-insuficiente.html?outputType=amp> Acesso em: 19 ago. 2021
- FOUCAULT, Michael. **Isto não é um cachimbo** — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GREGOLIM, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a reprodução das identidades. **Revista comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, Vol. 4, N°11 (2007). Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/cumunicaçãomidiaeconsumo/article/viewFile/5006/4630>
- MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2005.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, Língua e Discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada.** – São Paulo: Cengage Learning, 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica,** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** – 27. Ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.